

Dionísio Vila Maior
Maria Aparecida Fontes
(organizadores)

MULTICULTURALISMO ÉPICO



MULTICULTURALISMO
ÉPICO

FICHA TÉCNICA

Título: *Multiculturalismo épico*

Organizadores: Dionísio Vila Maior e Maria Aparecida Fontes

Coleção: TEMAS COM(N)VIDA

Diretores da coleção: Annabela Rita e Dionísio Vila Maior

Imagem da capa: Vaso para misturar vinho com água. “Aquiles contra Heitor” (500-480 A.C.). Museu Britânico, Londres

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, Junho de 2020

ISBN — 978-989-9012-45-5

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto UIDB/00077/2020

Dionísio Vila Maior e Maria Aparecida Fontes
(Organizadores)

MULTICULTURALISMO
ÉPICO

CLEPUL

Lisboa

2020

Índice

Introdução	7
HAROLDO DE CAMPOS E O “ÚLTIMO ODISSEU” Maria Aparecida FONTES	13
A EPOPEIA DE UM HERÓI LUSITANO: <i>VIRIATO TRÁGICO</i>, DE BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS Barbara GORI	33
AS TENDÊNCIAS ÉPICAS DO TEATRO NACIONAL NA EUROPA DO SÉCULO XIX Charlotte KRAUSS	51
ATUALIZAÇÕES DO ÉPICO NO CINEMA DE STRAUB & HUIL- LET Fernando de MENDONÇA	63
MULHERES, CORPOS E EPOPEIAS INVERSAS Assia MOHSSINE	75
<i>UT PICTURA POESIS?</i> INTER-RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A <i>COMMEDIA</i> E REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO INFERNO NA ITÁLIA EM FINS DO MEDIEVO Tamara QUÍRICO	95

O FOLHETO DE CORDEL ÉPICO	
Christina RAMALHO	113
REVISITAÇÃO À “ODISSEIA” GARRETTIANA	
Annabela RITA	131
LITERATURA DE CORDEL. EXERCÍCIO DIALÓGICO	
Dionísio VILA MAIOR	141

A EPOPEIA DE UM HERÓI LUSITANO: *VIRIATO TRÁGICO*, DE BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS

Barbara GORI

(Università degli Studi di Padova)

RESUMO: Óscar Lopes e António José Saraiva dizem que “o rasto de influência e imitação de *Os Lusíadas* poderia seguir-se através de toda a história da literatura portuguesa, mesmo posteriormente ao século XVII” (Lopes, 1985: 394). A epopeia *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas (1596-1656) vem também na senda de *Os Lusíadas*. Antes dela, saíram a público outros poemas épicos seiscentistas, tais como a *Prosopopeia* de Bento Teixeira, publicada em 1601, pequeno poema de assunto brasileiro; e a *Destruição de Espanha*, publicada em 1671, de André da Silva Mascarenhas, que contém várias passagens plagiadas do *Viriato Trágico*, ainda então inédito. Embora tenha sido publicada apenas em 1699, o seu autor redigiu-a entre 1642 e 1656, época em que se cimenta a Restauração do reino e se empreende a defesa do mesmo contra as investidas espanholas. Obra entre o épico e o trágico, *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas é um poema com as características de uma epopeia, dividindo-o em vinte cantos em oitava rima. Na primeira edição, a obra aparece com 783 páginas, sendo, até ao momento, a obra literária mais extensa dedicada a Viriato. O nosso objetivo é analisar a obra nos seus aspetos épicos e trágicos.

PALAVRAS-CHAVE: Viriato; *Viriato Trágico*; Brás Garcia de Mascarenhas; Poema épico; Heroísmo épico.

O mito é o nada que é tudo

Fernando Pessoa, *Mensagem e Outros Poemas Afins*, 1986

Gostaria de abrir este artigo apresentando brevemente a figura de Viriato. Quem é Viriato? Além de ser uma personagem histórica — um líder lusitano que viveu no século II a. C. e que combateu pela independência da Península Ibérica face à República romana, de 147 a. C. até à sua morte, em 139 a. C. — e de ser considerado um dos precursores do nascimento de Portugal — recorde-se que Fernando Pessoa, na *Mensagem*, o define “aquela fria | Luz que precede a madrugada” (PESSOA, F., 1986: 101) —, Viriato é também uma personagem mítica¹.

¹ Roland Barthes diz que há uma metamorfose da história por parte do mito. Com efeito, “o que o mundo fornece ao mito é um real histórico, definido, remontando tão longe quanto seja necessário, pela maneira como os homens o produziram ou utilizaram; e o que o mito restitui é uma imagem *natural* deste real” (BARTHES, R., 1988: 209-210). Para Mircea Eliade, “os mitos recordam constantemente que acontecimentos grandiosos tiveram lugar na Terra, e que esse *passado glorioso* é, em parte, recuperável. A imitação dos gestos paradigmáticos tem também um aspeto positivo: o rito leva o homem a transcender os seus limites, obriga-o a situar-se ao lado dos Deuses e dos Heróis míticos, a fim de poder realizar os seus atos” (ELIADE, M., 1986: 123). Em *O Mito do Eterno Retorno*, Eliade faz outra afirmação importante: “o guerreiro, seja ele qual for, imita um herói e procura aproximar-se o mais possível desse modelo arquetípico” (ELIADE, M., 1978: 51). E pergunta-se: “Em que medida a memória coletiva recorda um acontecimento histórico?” (*ibid.*). Através da metamorfose: “De certo modo assiste-se à metamorfose de uma personagem histórica em Herói mítico” (*id.*: 57). Para Eliade, a historicidade das personagens das obras épicas “não resiste durante muito tempo a ação corrosiva da mitificação. Seja qual for a sua importância, o acontecimento histórico em si só perdura na memória popular e a sua recordação só inspira a imaginação poética na medida em que esse acontecimento histórico se aproxima de um modelo mítico” (*ibid.*). Os mitos ligados à história, como o de Viriato, estão indelevelmente dependentes da *político-heroica*, para usarmos uma expressão de Nicole Ferrier Caverivière (1988). Viriato, Afonso Henriques, D. Sebastião, entre outros, são considerados heróis inseridos em determinada ideologia, ora de defesa, ora de fundação, ora de expansão e perda no contexto nacional. Para Nicole Ferrier Caverivière o mito político-heroico é a expressão “d’une pulsion venue des profondeurs du psychisme collectif: avant que le personnage parvienne au premier plan de l’histoire, il est en quelque sort déjà attendu. Il y a, dans les mentalités, dans le psychisme collectif, un ensemble de vieux rêves, d’espoirs ou de haines qui n’attendent qu’une occasion pour s’accrocher à une réalité; et quand surgit une personnage investi d’un certain pouvoir ou d’une certaine fonction, il cristallise immédiatement tous ces espoirs, toutes ces haines, tous ces rêves” (FERRIER CAVERIVIÈRE, N., 1988: 603).

Mítica também em sentido literário², porque foi “elevado” a esta categoria por vários escritores portugueses que, à vez, o foram celebrando como herói português. E note-se que a primeira referência a Viriato³ em textos poéticos portugueses parece que se deve a Camões, que o cita para recordar a sua força e dá-lo como exemplo de defensor da pátria, no soneto dedicado *À Sepultura de D. Fernando de Castro*:

Debaixo desta pedra está metido,
das sanguinosas armas descansado,
o capitão ilustre, assinalado,
Dom Fernando de Castro esclarecido.

Por todo o Oriente tão temido,
e da enveja da fama tão cantado,
este, pois, só agora sepultado,
está aqui já em terra convertido.

² Usamos a definição de mito literário proposta por José Barbosa Machado: “definiremos mito literário, no sentido lato, como a vulgarização de uma ou mais personagens míticas, lendárias, históricas ou literárias em obras literárias posteriores” (MACHADO, J. B., 2012: 21).

³ Na verdade, não são poucos os autores greco-latinos que aludem brevemente a Viriato ou dão pormenores mais ou menos extensos acerca da sua personalidade e do seu esforço contra a dominação romana. Sabemo-lo graças aos autores portugueses do século XVI que os citam. Entre estes, André de Resende que, no seu *Libri Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae* (1593), cita, entre outros, Justino, Veleio, Plínio, Júlio Frontino, Paulo Orósio e Apiano que é, na opinião de Mário Cardoso (1963-1971: 329), a mais elucidativa fonte literária sobre as guerras lusitanas contra Roma; e Frei Bernardo de Brito que, para redigir o “Capítulo Primeiro do Livro Terceiro” da *Monarquia Lusitana* (1973, *editio princeps* de 1597), consultou inúmeros autores: além de Apiano, Cícero, Floro, Tito Lívio, Valério Máximo, Justino, Estrabão, Plínio, Júlio Frontino, Paulo Osório e Eutrópio. Segundo Machado (2012: 33), “Os autores que escreveram em língua grega e que têm maior relevância no tratamento histórico de Viriato são quatro: Diodoro Sículo, Dión Cássio, Apiano e Estrabão”. Pelo contrário, as fontes portuguesas que se referem a Viriato antes do século XVI são escassas e quase episódicas. Diferente é a situação a partir do século XVI quando Viriato foi alçado a herói nacional e se tornou mito literário. Damião de Góis, André de Resende, João de Barros, Fernão de Oliveira e Francisco de Holanda foram alguns dos autores que, no século XVI, mais contribuíram para a divulgação dos Lusitanos e da personagem Viriato em Portugal.

Alegra-te, ó guerreira Lusitânia,
por este Viriato que criaste;
e chora-o, perdido, eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardânia;
que, se a Roma co ele aniquilaste,
nem por isso Cartago está contente (CAMÕES, 2011: 62)⁴.

Depois Camões cita-o outras quatro vezes n' *Os Lusíadas*: Canto I, estrofe 26; Canto III, estrofe 22; Canto VIII, estrofes 5-7 e estrofe 36:

Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que coa gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram;
Também deixo a memória, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cervá espírito divino (CAMÕES, L. de, 1972: 34).

(I, 26)

Desta o pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos próprios come
Por decreto do Céu, ligeiro e leve,

⁴ Podemos dizer que Camões é o primeiro poeta português a transfigurar as tradições nacionais em mitos literários, transformando n' *Os Lusíadas* em mito o que pertencia à tradição portuguesa. Como afirma Eduardo Lourenço: “de portugueses tornámo-los lusitanos, tribo lusíada predestinada ao futuro fabuloso que as navegações se tornaram presentes. Na ausência de vida mítica onde o canto orgânico se enraíza, é o Poeta mesmo que transfigura o acontecimento que a isso se prestava em mito, não só pela consciência sublimada da sua importância universal, como pela sua integração numa visão simbólica do destino pátrio, concebido como uma sucessão profética de atos heroicos através dos quais, com a lentidão das coisas destinadas a durar, se concretizou a missão universal de um pequeno povo” (LOURENÇO, E., 1982: 160).

Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino ilustre; e foi desta arte (*id.*: 48)⁵
(III, 22)

Ulisses é o que faz a santa casa
A Deusa, que lhe dá língua facunda;
Que, se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
— Quem será estoutro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as águias nas bandeiras tem pintadas.

Assim o Gentio diz. Responde o Gama:
— Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencível afamado;
Não tem com ele, não, nem ter puderam
O primor que com Pirro já tiveram.

Com força, não; com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram que os espanta:
Que o grande aperto, em gente ainda que honrosa,
As vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
Degradado, connosco se alevanta:
Escolheu bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se ilustrasse (*id.*: 91).
(VIII, 5-7)

⁵ Camões diz que, pelo nome do Pastor (Viriato), se vê que era um homem forte. Nesta passagem o poeta procura explicar a origem etimológica do herói pelo substantivo latino *vir*, *vir* que significa exatamente “homem forte”. Em Virgílio, a palavra significa “herói”: *arma virumque cano*, “canto as armas e o herói”, lê-se no primeiro verso da *Eneida*. No entanto, a explicação etimológica avançada por Camões não parece ser a mais correta. Como diz José Barbosa Machado: “os linguistas inclinam-se mais para o radical “viria”, bracelete, por ter sido este objeto de adorno bastante usados pelos povos pré-românicos da Hispânia” (MACHADO, J. B., 2012: 51).

Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram,
E deles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos:
O que depois mil vezes amestramos (*id.*: 103).
(VIII, 36)

Viriato, como chefe dos Lusitanos e garantia da liberdade deles face aos Romanos, acaba assim por fundir-se com o que Raymond Trousson (1988) chama de “mito do libertador”⁶ — mito presente não só em quase todos os povos da Antiguidade Clássica, como também nas sociedades atuais — e que não deve ser confundido com o mito do fundador. Com efeito, Viriato não é propriamente um fundador, antes uma personagem histórica que, pela sua força e coragem, luta contra os invasores da sua terra, graças à sua resistência heroica ao domínio romano, e se torna um dos símbolos das lutas nacionais contra o invasor estrangeiro de todas as épocas, em particular o das crises de 1383-85, contra a invasão castelhana; o das guerras da Restauração, contra o domínio dos Filipes (1640-68); e o da chamada campanha peninsular, contra as invasões Napoleónicas (1807-11)⁷.

O poema épico-trágico *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas (1596-1656), publicado postumamente em 1699, mas escrito entre 1642 e 1656 — portanto, durante os anos da Restauração e da defesa do território português da presença espanhola —, pode ser considerado a primeira obra consagrada ao herói lusitano⁸. Os anos de redação do poema representam um dado importante porque, por analogia, é como se Brás de Mascarenhas transportasse uma época para outra, ou seja, a de Viriato para a sua, tornando-

⁶ Trousson usa a definição de “mito do libertador” em relação a Prometeu, considerando-o o primeiro libertador do homem face ao jugo imposto por outrem.

⁷ Em Portugal, como libertadores, além de Viriato, podem ser referidos os primeiros reis, que “libertaram” o território do domínio árabe; D. João Mestre de Avis e D. João IV de Bragança como defensores da pátria contra os Castelhanos.

⁸ Entre os finais do século XVI e os finais do século XVII, aparecem mais três autores importantes que falam de Viriato: Frei Bernardo de Brito, em *Monarquia Lusitana* (1597), Manuel de Faria e Sousa, em *Epitome de las Historias Portuguesas* (1628) e *Europa Portuguesa* (1663), e António de Sousa Macedo, em *Flores de España, Excelências de Portugal* (1631).

-se, por conseguinte, Brás Garcia em *Viriato*, os espanhóis em romanos e a Companhia dos Leões no exército lusitano. Os dados biográficos do autor são igualmente importantes pois, de certo modo, ele passa as suas experiências de soldado para o poema. Nascido em Avô, na Serra da Lousã em 1596, com uma juventude a correr atrás da aventura, Brás Garcia de Mascarenhas participa, em 1630, nas guerras contra os holandeses no Brasil e, assim que volta a Portugal, participa também na guerra da Restauração como capitão e governador de Alfaiates, na província da Beira. De facto, como afirmam Óscar Lopes e António Saraiva, no poema *Viriato Trágico* “*Viriato* encarna verdadeiramente a guerrilha popular da Restauração pela pena de um fidalgo que era um aventureiro nato e uma personificação da tradicional guerrilha peninsular” (LOPES, Ó., SARAIVA, A. J., 1985: 396). Publicado pela primeira vez por Bento Madeira de Castro⁹, cavaleiro da Ordem de Cristo, como se disse, em 1699, pela tipografia de António Simões, tipógrafo da Universidade de Coimbra, e oferecido ao rei “Restaurador”, D. João IV, este longo poema em 20 cantos e oitava rima¹⁰, foi recentemente republicado numa edição fac-similada por José Vitorino de Pina Martins e pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1996.

As opiniões críticas sobre a obra são diversas e muito contrastantes. Recordando só algumas, as mais significativas, vale a pena citar a de Óscar Lopes e António Saraiva segundo os quais se trata de obra “curiosíssima, não como poema heróico, pois, a excepção da metrificação em oitava rima e umas vagas tinturas mitológicas, infringe as regras e o tom do género” (*id.*: 395); a de Fernando Henriques Vaz, completamente diferente, que, pelo contrário, faz dela uma apologia, chegando a afirmar que “Brás Garcia de Mascarenhas quis manifesta e intencionalmente, incontestavelmente, decalcando *Os Lusíadas*, quer dizer, aproveitando o seu plano geral de Arte e de História da Humani-

⁹ O primeiro editor, no aviso ao leitor que introduz o poema de Mascarenhas, lamenta que “Havendo em o nosso Portugal tantos, e tão famosos escritores, que nas asas de suas penas fizeram voar por todo o mundo a fama dos mais esclarecidos heróis, de que em todas as idades sempre abundam, não houve até agora quem com particular empenho, e não de passagem, celebrasse as imortais façanhas, e singulares proezas do nosso famoso Português *Viriato*, Alexandre Lusitano, e Marte Espanhol, contentando-se com as compendiosas notícias, que em louvor de seu invicto ânimo, e grandes vitórias, referem os cronistas do Império Romano” (CASTRO, B. M. de, 1699: s.p.).

¹⁰ Cada canto é iniciado com uma estrofe em forma de resumo a que o autor chama de “argumento”. Além da numeração dos cantos, cada um destes tem um título que funciona como sugestão daquilo que o poeta deseja narrar.

dade, concluí-lo em a parte da nossa história de que Camões não nos fala” (VAZ, F. H., 1964: 11) e “usando menos a da mitologia e da astrologia e recorrendo muito aos muito mais vastos conhecimentos da História, da Geografia e da Arte de Marte, tornou o Poema mais humano, mais científico, com muito mais interesse” (*id.*: 12); e a de Teófilo Braga que, na sua *História da Literatura Portuguesa. Os Seiscentistas*, afirma que “o conhecimento da vida de Brás Garcia de Mascarenhas e do meio beirão em que foi criado ilumina o seu poema *Viriato Trágico*, revelando-nos como no seu espírito ressurgiu a tradição do Pastor do Hermínio contra o invasor romano pela independência da Lusitânia, dando-lhe realidade, combatendo também o invasor castelhano como chefe da Companhia dos Leões, por ele levantada na Beira após a Revolução de 1640” (BRAGA, T., 1984: 379)¹¹.

Sem entrar na questão do valor literário da obra, assunto que sai do objetivo do presente artigo, o que podemos decerto dizer após ter analisado o poema é que, embora o título sugira a predominância do aspeto trágico na construção e na definição da figura do herói — e o adjetivo “trágico” do título refere-se precisamente ao fim trágico de Viriato —, em boa verdade é ao invés a dimensão épica que domina no poema, a partir da sua estrutura externa, ou seja, a oitava rima, e sem esquecer que, para qualquer poema épico que se pretenda como tal, Viriato é a personagem que possui as características e as habilidades que predominam em relação a todos os outros, tornando-o capaz de fazer ações extraordinárias que têm como fim o bem, e em cujo carácter se entrevê a força de Aquiles, a astúcia de Ulisses, a devoção à pátria de Heitor e a *pietas* de Eneias. De facto, como se verá, Viriato possui todas as características típicas do herói: o valor militar, a coragem, a habilidade, a astúcia individual, a superioridade, que encontram na guerra a máxima expressão e a única e a mais sublime razão de vida, a honra, a valentia física e a família.

As primeiras virtudes do herói lusitano a serem exaltadas são a *paupertas*, a *fides* e a *liberalitas*. O Canto I, que serve de resumo a toda a narração posterior e que se intitula *Ocasião*, a partir do nome da Deusa com este nome que

¹¹ Camilo Castelo Branco inclui o *Viriato Trágico* entre as obras que se perdem “no mar morto das bibliotecas inúteis” (CASTELO BRANCO, C., 1986: 35); nas palavras de Hernâni Cidade: “O temperamento buliçoso do autor, na paz da sua vila de Avô, nas faldas da serra da Estrela, onde repousava de suas irrequietas aventuras, reviveria em espírito suas andanças de ‘cavaleiro enamorado’, ao elaborar esta longa obra em 20 cantos, de estrofes de oitava rima, em que o fantástico criado pela imaginação em torno das lutas de Viriato se mistura com as experiências de seus amores e ciúmes, brigas e combate” (CIDADE, H., 1978: 1181).

aparece nestes versos, contém a Proposição e a Invocação do poema — a Dedicatória não se acha presente — e abre-se cantando, logo no primeiro verso, o “Pastor” português e dois elementos típicos de cada epopeia, de Homero a Camões, ou seja, a dualidade dialética “Amores e Armas”, simbolizada pelo mito e pelo *topos* clássico do par Afrodite/Ares¹². Portanto, a primeira característica através da qual se descreve e apresenta Viriato ao leitor remete para a sua ocupação diária, ou seja, a pastorícia. O “reino de Deus” é várias vezes citado no poema através da expressão “pequeno rebanho” e da parábola evangélica do Bom Pastor. Não por acaso, é o “cajado” a ser erguido no poema como “ceptro de Espanha”. E, sempre não casualmente, no Canto II, intitulado *Milícia Antiga*, os dois exércitos são descritos como sendo compostos, por um lado, por pastores lusitanos pouco numerosos e mal-amanhados, mas armados de grande coragem e força moral e, por outro lado, por legiões romanas poderosas, disciplinadas e bem armadas, mas movidas unicamente pelo desejo de conquista e de saque. No Canto III, a propósito da Fortuna, que também dá título ao Canto, é o poeta a oferecer numerosos exemplos de reis e nobres que, como Viriato, foram pastores ou filhos de pessoas de origens humildes e de alguns heróis clássicos ligados a Viriato pelo vínculo sagrado do amor à pátria.

Mas neste Canto, Garcia de Mascarenhas dá-nos também uma descrição pormenorizada de Viriato, do qual põe em evidência quer as características físicas quer as morais: da estatura possante do corpo ao nariz aquilino; do engenho agudo (a *astutia*) à austeridade do feitio (a *gravitas*), de novo à liberalidade, à moderação, à bondade do gesto. Este elogio, unido à exaltação das suas qualidades militares, faz dele a glória de toda a Espanha, tanto que merece os epítetos de “Aquiles lusitano” (MASCARENHAS, B. G. de, 1846: 282)¹³, “lusitano Marte” (*id.*: 4)¹⁴ e “Restaurador e Pai da pátria” (*id.*: 119)¹⁵ que lhe darão a “Imortal fama com Nações estranhas” (*id.*: 12)¹⁶:

¹² “Canto um Pastor, Amor e Armas canto / Canto o Raio do monte, e da campanha / Terror da Itália, e do mundo espanto / Glória de Portugal, honra de Espanha: / Triunfante da Águia, que triunfando tanto, / Tanto a seus raios tímida se acanha, / Que a traição, só dormindo, o viu rendido, / Porque desperto nunca foi vencido” (MASCARENHAS, B. G. de, 1846: 1).

¹³ IX, 99: 3.

¹⁴ X, 12: 1.

¹⁵ IV, 87: 8.

¹⁶ I, 45: 3.

Pródigo de ouro, de honras ambicioso,
 Estas apetecia, aquele dava,
 Que ajuntando infinito belicoso,
 Liberal aos soldados o espalhava;
 Sempre em despojos pobres, e cauteloso
 Como rio crescia, e minguava
 Fazendo em vez da prata, em vez de ouro
 De corações comprados seu tesouro.

Pouco ostentoso ao comum vestia
 Que nunca em traje foi diferenciado
 Do qualquer dos soldados, que trazia
 De quem foi sempre estranhamente amado;
 Amava-os como filhos, e os regia
 Como bom pai, tão brando, e moderado,
 Que nenhum se atrevia a desservi-lo
 Tratando só de amá-lo, e de segui-lo (*id.*: 228)¹⁷.

Em seguida, faz-se a celebração do seu engajamento político e bélico. Como político, Viriato não só governou, mas, com a sua atividade legislativa, contribuiu também para a civilização da sua comunidade. O elogio ao seu governo, após ter considerado outros modelos políticos e ter criticado várias formas de mau governo, realça a sua autoridade de chefe indiscutível e o seu papel impecável de pai, irmão, amigo e companheiro, o seu desinteresse pelas coisas materiais e a sua generosidade liberal. A série de epítetos do Canto I — “Raio do monte, e da campanha, | Terror de Itália, e do mundo espanto, | Glória de Portugal, honra de Espanha; | Triunfante da Águia, que triunfando tanto, | Tanto a seus raios tímida se acanha” — espelha de maneira hiperbólica a intenção glorificadora do poeta épico que será consagrada definitivamente no Canto VIII:

Foi o mais animoso, e o mais astuto
 Capitão, que se sabe entre os Antigos
 Que não houve tão resoluto
 Em cometer, e evitar perigos,
 Concedido lhe foi tal atributo
 Por boca dos seus próprios inimigos,

¹⁷ VIII, 21-22.

Que verdades não há mais apuradas,
De as que vem dos contrários confessadas (*id.*: 229)¹⁸.

São célebres as táticas militares usadas por Viriato, que visavam provocar a instabilidade e a desorientação das forças ocupantes. São táticas de guerrilha, conhecidas como “bate e foge”, que os exércitos de todo o mundo acabarão por usar. Como narra o Canto II, o herói lusitano “Oculta a Gente de uma, e outra banda, | Porque a Romana tarde a reconheça, | A qual da certa morte descudada | Vem a cair em meio da cilada” (*id.*: 47)¹⁹. A astúcia é, portanto, a arma inteligentemente usada pelos oprimidos face à manifestação de força disciplinada do inimigo opressor. Desta astúcia faz parte, por exemplo, o uso do vestuário do adversário: “E das presas solicito procura | Armar todos os Lusos à Romana | Que mil vezes o traje à vista engana” (*id.*: 57)²⁰. O génio inventivo e tático compensa a falta de recursos militares e a inferioridade da preparação militar dos Lusitanos: “Viriato inventando novas traças | De Guerra, a falta a muitos descuidados | suprimdo com astúcia peregrina | à falta da Mavórcia disciplina” (*id.*: 62)²¹. Mas astuto revela-se também o comportamento do herói épico, como o de Ulisses, entre os Gregos, ao aconselhar uma tática de simulação da paz, defendendo que se, por um lado, negar a paz seria um gesto de temeridade, por outro, desistir da guerra seria um sinal inequívoco de cobardia. Associada à astúcia, Viriato também possui outra virtude importante, ou seja, a capacidade de saber prevenir, ambas fruto da prudência (*prudentia*), motivo pelo qual o poeta o apelida de “Capitão mais prevenido” de toda a Espanha (*id.*: 201)²². Por outro lado, o instinto agressivo dos Lusitanos, justificado pela motivação da sua luta, apesar de representar uma das condições naturais do sucesso militar, é subtilmente criticado pelo autor porque considerado um dos elementos que impedem a paz:

Por mais que outrem nos vença, ou que vençamos,
Esta grã tacha os Lusitanos temos;
Presto do bem da Paz insistíamos,
E presto o mal da Guerra apeteçemos.
Como hão de faltar Guerras se as buscamos?
Como há de haver paz se a não queremos?

¹⁸ VIII, 23.

¹⁹ II, 64: 5-8.

²⁰ II, 104: 6-8.

²¹ II, 122: 5-8.

²² XVI, 65: 1.

Sempre fomos de pazes incapazes,
 Por que nunca connosco temos pazes (*id.*: 88)²³.

Apesar da relação do herói épico com a prática da guerra, o poeta barroco português, após ter tecido considerações morais sobre a vingança²⁴, não deixa de representar a Paz, na écfrase do templo de Marte, mostrando-a como “Minerva figurada” (*id.*: 203)²⁵, ajoelhada aos seus pés, “Como que paz pedia para a Gente” (*ibid.*)²⁶, contrapondo-a à soberba do leão, à inveja da serpente, ao fumo da vã-glória, ao ardor da ambição e à futilidade das conveniências políticas, que se escondem sob o eufemismo da Razão de Estado. Tal como acontece na figura de Eneias, no poema de Virgílio, aqui o herói épico é associado aos projetos de paz. Como o Velho do Restelo, n’*Os Lusíadas*, o poeta barroco português acusa o espectro da guerra das consequências sociais que causa, como a fome, a peste, os problemas físicos e psicológicos, basicamente considerando-a “O teatro universal de desventuras” (*id.*: 28)²⁷. E face à sua falsidade, põe em discussão a transitoriedade das glórias mundanas, das vitórias e dos triunfos militares, a invenção dos instrumentos bélicos e a insensatez dos festejos em sua honra (*ibid.*)²⁸. Todavia, ao acusar a fraqueza lusitana, Viriato proscreeve de forma realista uma paz insidiosa e cobarde, em detrimento de uma paz generosa e liberal (*id.*: 208-209)²⁹: “Todo o que pede paz vencido fica, | Que é toda a paz desejosa a quem a pede, | Honrada, e proveitosa ao que a concede” (*id.*: 208)³⁰.

Perante a astúcia, as capacidades bélicas e a clemência de Viriato, é Roma inteira quem treme e, no Canto VIII, o severo Catão o Velho (*id.*: 244-245)³¹

²³ III, 82.

²⁴ VII, 1-5.

²⁵ VII, 41: 1.

²⁶ VII, 41: 4.

²⁷ “Ó guerra, guerra, quem nunca te vira, | Nem soubera a que partes evaporas | O espanto, a fome, a peste, o estrago, a ira, | Da vida algozes, do descanso esporas, | Mãe da cobiça, fonte da mentira, | Dos dias confusão, horror das horas, | Centro da inveja, lago de amarguras, | O teatro universal de desventuras!” (I, 106).

²⁸ “De que servem mortíferas victorias, | Triunfos e trofeus, que em fim recitas, | Cifrando neles as mundanas glórias, | Se todas são infernos de desditas? | Ah falsas alegrias transitórias! | Ah caduca ambição, que as solicitas! | Comprando a sangue aplausos de coortes, | Que dão mais vivas a quem dá mais mortes!” (I, 107).

²⁹ VII, 59-64.

³⁰ VII, 60: 6-8.

³¹ VIII, 92-96.

sente a necessidade de se apelar ao “fecundo Aníbal” (*id.*: 242)³² para não prolongar a guerra na distante Espanha, porque “para grandes males, grandes remédios” e “não vence quem não faz justiça” (*id.*: 245)³³. Astúcia, clemência, frugalidade (*paupertas*), associadas ao *topos* da *aurea mediocritas*, conferem a este herói a autenticidade estoica que lhe permite ser conhecido como o chefe mais dedicado, cujo único interesse é promover o bem da comunidade: “De nada se perturba, nem se inflama | Aquele coração nunca turbado: | Entra na Tenda, faz da terra cama, | Que esta era o seu colchão mais regalado; | E do escudo almofada, que mais ama” (*id.*: 204)³⁴.

Se o herói épico é luminoso e exemplar, por conseguinte, representativo da *areté* e da *virtus* heroica, o herói trágico é paradigmático da condição humana, está sujeito à fragilidade e ao erro (*hamartia*). Disto e da insolência (*hybris*) perante o Destino (*Moirá/Fatum*) provém a punição divina (*nemesis*), o sofrimento (*páthos/cátharsis*) e a catástrofe. O editor justifica o título *Viriato Trágico* tendo em consideração o fim trágico que coube ao ilustre português, decapitado na sua tenda, traído e atacado no sono de maneira covarde: “Tanto a seus raios tímida se acanha, | Que à traição, so dormindo, o viu rendido, | Porque desperto nunca foi vencido” (*id.*: 1)³⁵. A partir do Canto XXVII, começam a aumentar os indícios trágicos. A carta de Messalina a Aulaces (Audax), um dos assassinos do herói, pode ser considerada o ponto de início da sucessiva ruína de ambos e da desventura de Viriato, isto é, “A tragédia mais cheia de amargura” (*id.*: 239)³⁶. O Canto XX, o último, intitulado *Tragédia*, situa o trágico final na tenda de Viriato, “Nos altos Pirenéus” (*id.*: 295), onde o herói a “a traição é degolado” (*ibid.*)³⁷. Tal facto, definido “horrível”, projeta a vítima na história como “memorando” (*id.*: 297), “formidável, e invencível” (*ibid.*)³⁸, “Igual na morte, e feitos valorosos aos mais esclarecidos” (*id.*: 296)³⁹.

Cipião aceita à sua mesa Dictaleão, Minuro e Aulaces, promete-lhes grandes favores em troca da cabeça de Viriato e põe-se no lugar do irmão, por meio de uma intriga, à cabeça do exército romano. Por confiar na lealdade dos seus

³² VIII, 86: 6.

³³ VIII, 96.

³⁴ XX, 39: 1-5.

³⁵ I, 1: 7-8.

³⁶ XVII, 104: 6.

³⁷ XX, Argumento.

³⁸ XX, 6: 1-4.

³⁹ XX, 5: 6.

colaboradores mais importantes, de repente transformados em “embaixadores | Da morte” (*id.*: 303)⁴⁰, “Contando embustes próprios de traidores | Sobre as pazes, que dizem negociarão | Tirando condições de vencedores” (*ibid.*)⁴¹, o herói trágico comete o erro (*hamartia*) ingénuo de recusar a presença de um guarda à entrada da sua tenda, que o proteja de possíveis ataques. Na cabeça de Viriato vivia o destino da Lusitânia. Assim que a sua cabeça cai, perdem-se todas as esperanças de liberdade. A partir deste momento, o poeta, com invocações de indignação, insurge-se contra os assassinos e as injustiças do mundo, louvando as virtudes do herói. Após ter descrito o funeral e os jogos em memória do herói assassinado, Garcia de Mascarenhas termina o poema chamando a atenção do “caminhante”, que casualmente passa ao lado do túmulo que conserva as cinzas do herói, para a existência de um epitáfio que desenha um epílogo trágico, mas também épico:

Repara nesta calpa, ó caminhante,
Que solitária as cinzas acompanha
Daquele Triunfador dessa triunfante
Roma; Luso Aníbal Marte de Espanha.
Se por traição da émula ignorante
Morre, se imortaliza, e mais se acanha:
Foi Monarca, e Pastor severo, e grato;
Foi Raio, é cinza; foi enfim Viriato (*id.*: 321)⁴².

Não obstante algumas incongruências históricas, o poema *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas, representa um brilhante tributo do poeta barroco português a um dos mais ilustres exemplos lusitanos de resistência heroica ao domínio do invasor estrangeiro, com a Roma imperialista do século II a. C. como protagonista, ainda republicana. Este poema de Brás Garcia de Mascarenhas, exemplo pedagógico para os seus contemporâneos — poema que por extensão e variedade de pormenores é até hoje a mais importante obra escrita sobre Viriato —, transcende, todavia, o seu tempo, inscrevendo-se na matriz identitária das nações hispânicas, em particular da Lusitânia, cujo território hoje coincide quase completamente com Portugal. O herói épico-trágico Viriato brilha aqui como estoico *exemplum* do *integer uir*, do cidadão dedicado que consagra toda a sua vida ao serviço da comunidade que ama e

⁴⁰ XX, 30: 1-2.

⁴¹ XX, 30: 4-5.

⁴² XX, 102.

é indicado como exemplo das maiores virtudes, como a *fides*, a *paupertas*, a *libertas*, a *grauitas*, a *concordia*, a *clementia*, a *liberalitas*, a *auctoritas* e, sem esquecer, a *gloria*.

BIBLIOGRAFIA FINAL

BIBLIOGRAFIA ATIVA

BRITO, Frei Bernardo de (1973). *Monarquia Lusitana*. 1ª parte. Edição fac-similada. Introdução de A. da Silva Rego, notas de A. A. Banha de Andrade e M. dos Santos Alves. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CAMÕES, Luís de (1972). *Os Lusíadas*. Leitura. Prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CAMÕES, Luís de (2011). *Sonetos*. Edição comentada e anotada por Izeti Fragata Torralvo e Carlos Cortes Minchillo. Lisboa: Ateliê.

MASCARENHAS, Brás Garcia de (1846). *Viriato Trágico. Poema Heroico em 20 Cantos*. 2 Vols. Prefácio de Albino d'Abranches Freire de Figueiredo. Lisboa: Na Phenix.

PESSOA, Fernando (1986). *Mensagem e outros Poemas Afins*. Introdução, organização e biobibliografia de António Quadros. Lisboa: Publicações Europa-América.

RESENDE, André de (1593). *Libri Quatuor De Antiquitatibus Lusitaniae*. Évora: Martinus Burgensis.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

ANDRADE MONIZ, António Manuel de (2008). Viriato, Herói Lusitano: o Épico e o Trágico. *Humanitas*, N.º 60, pp. 247-265.

BARTHES, Roland (1988). *Mitologias*. Tradução de José Augusto Seabra. Lisboa: Edições 70.

BRAGA, Teófilo (1984). *História da Literatura Portuguesa. Os Seiscentistas*. Vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CARDOSO, Mário (1963-1971). Entrada "Viriato". In Joel Serrão [Dir.]. *Dicionário de História de Portugal* (329-331), Vol. IV. Porto: Livraria Figueirinhas.

CASTELO BRANCO, Camilo (1986). *Curso de Literatura Portuguesa*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Labirinto.

CASTRO, Bento Madeira de (1699). Ao Leitor. In *Viriato Trágico*. Coimbra: Oficina de António Simões.

CIDADE, Hernâni (1978). Entrada “Mascarenhas, Brás Garcia de”. In Jacinto do Prado Coelho. *Dicionário da Literatura* (1181). Porto: Figueirinhas.

ELIADE, Mircea (1978). *O Mito do Eterno Retorno*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70.

ELIADE, Mircea (1986). *Aspetos do Mito*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70.

FERRIER CAVERIVIÈRE, Nicole (1988). Figures historiques et figures mythiques. In Pierre Brunel [Dir.]. *Dictionnaire des Mythes Littéraires* (603-611). Paris: Éditions du Rocher.

LOPES, Óscar; SARAIVA, António José (1985). *História da Literatura Portuguesa*. 13ª ed. Porto: Porto Editora.

LOURENÇO, Eduardo (1982). *O Labirinto da Saudade*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

MACHADO, José Barbosa (2012). *O Mito de Viriato na Literatura Portuguesa*. Braga: Edições Vercial.

TROUSSON, Raymond (1988). *Temas e Mitos — Questões de Método*. Tradução de Teresa Castro Rodrigues, revisão de Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Livros Horizontes.

VAZ, Fernando Henriques (1964). *Viriato Trágico e B. G. de Mascarenhas*. Lisboa: s./ed.